V CONGRESSO INTERNACIONAL DAS
LICENCIATURAS
COINTER - PDVL 2018

**O EU-LÍRICO NA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS: O POETA
ROMÂNTICO EM EVIDÊNCIA.**

**THE I-LYRIC IN AUGUSTO DOS ANJOS' POETRY: THE ROMANTIC POET
IN EVIDENCE.**

Ricardo Araujo da Silva¹
Apresentação: Comunicação Oral

DOI: <https://doi.org/10.31692/2358-9728.VCOINTERPDVL.2018.00111>

O presente trabalho se propõe a refletir sobre as múltiplas possibilidades de leituras da Obra "Eu", de Augusto dos Anjos, atentando-nos à sua visão romântica do mundo. A pesquisa foi efetuada no primeiro semestre de 2006, depois de um levantamento bibliográfico e documental referentes a temas como: escolas literárias, estudos literários, pensamento ocidental, visões de estudiosos da obra do autor em questão e escritos pessoais de Augusto dos Anjos. O trabalho oferece a oportunidade para estudos posteriores sobre esta possibilidade de leitura da obra do poeta.

Palavras-chave: Augusto dos Anjos; romantismo; eu-lírico; escolas literárias.

The present work proposes to reflect on the multiple possibilities of readings of the Work "Eu", of Augusto dos Anjos, paying attention to his romantic vision of the world. The survey was conducted on the first semester of 2006, after a bibliographical and documentary survey referring to subjects such as: literary schools, literary studies, western thought, visions of scholars of the work of the author in question and personal writings of Augusto dos Anjos. The work offers the opportunity for further studies on this possibility of reading the poet's work.

Keywords: Augusto dos Anjos; romanticism; I-lyrical; literary schools.

1 INTRODUÇÃO

A história das artes literárias é de extrema importância para que haja uma gradação (crescente ou decrescente), reavaliando dados, informações ou pontos de vista marginalizados pela crítica literária oficial, podendo seguir um estudo não linear e não estatuído. A abordagem, enquanto meio desestruturante do *status quo*, é uma pesquisa embasada na História Literária, na Crítica Literária e nos estudos acerca de Cultura, de Identidade e de Sociedade, que fornecem os suportes necessários para este estudo sobre a obra de Augusto dos Anjos.

A arte literária, inegavelmente, liga-se fortemente à História, estabelecendo ciclos antagônicos entre si, de tal forma que determinada escola literária tende a negar princípios e valores da precedente, de acordo com normas e necessidades sociais, bem

como tende a ser negada pela procedente, quando há a necessidade de nova quebra de valores. Tal quebra de valores não ocorre de maneira abrupta, instantânea. Há um período de transição inconsciente, no qual duas ou mais tendências literárias coexistem. Essas confluências corroboram os chamados momentos de conflitos que, segundo Benjamin (1993, b), através do materialismo histórico resgatam vozes “caladas” pelo historicismo, dando a idéia de suas não inclusões no cânone literário.

Tal fenômeno pode ser observado, com mais clareza, no final do século XIX e no início do século XX, quando houve um fato extraordinário no campo das ciências (inclusive no das ciências literárias, que foram reconhecidas enquanto tal com o movimento positivista): cinco tendências literárias coexistiam. Foram elas: Romantismo, Realismo (interior e exterior), Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo. Essa multiplicidade de estilos literários, ao mesmo tempo em que provoca um “boom” cultural, causa também uma dificuldade de enquadramento de alguns escritores da época, já que os mesmos possuem, internalizadas, características inerentes aos movimentos literários citados.

Neste contexto do século XIX, híbrido literariamente, nasceu o poeta brasileiro Augusto Carvalho Rodrigues dos Anjos (1884), herdeiro das normas sociais vigentes e presentes. Sendo filho deste período, o chamado poeta do escárnio retrata, em suas poesias, a multiplicidade de tendências: Simbolismo, Realismo, Parnasianismo, Naturalismo e, também, o Romantismo, além do Expressionismo, sendo o caso mais recorrente na Literatura Brasileira.

Com o objetivo de verificar o pluralismo literário da obra de Augusto dos Anjos, procurando relações com a escola literária convencionalmente não considerada na análise das poesias do autor, a escola romântica, este projeto de dissertação de mestrado propõe uma releitura dos trabalhos do paraibano, trazendo à contemporaneidade a voz “calada” do Romantismo em algumas poesias (BENJAMIN, 1993). Analisando os motivos que o levaram ao Romantismo aparentemente inexistente em sua obra, entende-se a dificuldade de enquadramento de Augusto dos Anjos enquanto poeta pertencente à escola byroniana. Tal premissa tende a ser de difícil inclusão num cânone contemporâneo, visto que a linearidade dos estudos literários e o escasso material que dê suporte a esta hipótese aqui levantada vai de encontro a valores canônicos. Isso ocorre por causa da estruturação canônica que, segundo ABREU (2006), depende da instituição de legitimação e dos críticos literários.

A rigidez melancólica, por vezes mórbida, dos versos de Augusto dos Anjos, reveladora de um ser humano atordoado consigo mesmo, amargo e incompleto, tal como os poetas seguidores de Lord Byron, coloca-o como um fiel seguidor das características do *spleen*, trazendo um melancolismo as suas obras literárias. O sarcasmo, a ironia e a autodestruição são heranças dos góticos, como Edgar Allan Poe e Baudelaire. A ligação entre o poeta em estudo e Álvares de Azevedo, por exemplo, ilustra bem esta situação de intercâmbio entre escolas literárias, fazendo com que Augusto dos Anjos possa ser confundido, sem nenhuma dificuldade, com um poeta do mal-do-século, quando a morte rondaria o artista (Augusto dos Anjos morreu de pneumonia), juntamente com a melancolia e a desilusão, não importando o estado físico, mas sim o interior. O físico passaria a ser considerado apenas um meio portador da essência, sendo corroído por vermes e representado por ossos.

De tal sorte, o ponto de contato pode ser explicado sob o viés do dialogismo bakhtiniano e sob o viés da Psicologia Analítica:

Ao lado desses conteúdos inconscientes pessoais, há outros conteúdos que não provém das aquisições pessoais, mas da possibilidade hereditária do funcionamento psíquico em geral, ou seja, da estrutura cerebral herdada. São as conexões mitológicas, os motivos e imagens que podem nascer de novo, a qualquer tempo e lugar, sem tradição ou migração histórica. Denomino esses conteúdos de inconsciente coletivo. (JUNG, 1991)

Observa-se a utilização de imaginários coletivos para explicar o uso de temas recorrentes nos discursos. A leitura bakhtiniana (1993) afirma que “assumimos o discurso de outrem”. Tal consideração ocorre graças ao desapego do poeta, que poderia ser chamado de neo-byroniano, ao plano mortal, não passando de uma representação de “deus-verme” ou de “sombra”. Ao editar, por exemplo, sua única obra publicada, intitulada “Eu”, o poeta escreve com seu próprio sangue na capa do livro, mostrando que o mesmo se (con)fundia com a poesia por ele mesmo produzida. Novamente o *spleen* age sobre o comportamento do escritor, que estaria desiludido com a vida e com o amor, e o sentimentalismo manifestar-se-ia claramente na poesia através do amor, da relação entre amigos e familiares.

Ficam evidentes, destarte, o pluralismo literário e a necessidade do estudo de todas as facetas passíveis de análise na poesia de Augusto dos Anjos. Tomar-se-á cuidado, entretanto, para não haver a confusão entre poesia e poema, entre conteúdo e forma. O que será analisado neste trabalho é o romantismo na tentativa de significação

da obra do poeta, bem como questionar o cânone, não com a intenção de deslocá-lo, mas de se somar a ele enquanto análise possível.

2 AS SOMBRAS E SUAS PENUMBRAS

Desde os tempos de Aristóteles, mostrou-se fundamental a diferenciação entre poema e poesia, sendo o primeiro um meio concreto de veiculação da segunda. Desta forma, o poema é a tentativa de representação, através dos signos, da essência imitativa lírica, respeitando os aspectos formais e estilísticos da produção. A principal missão da poesia é evocar a consciência, a potência da vida espiritual e tudo aquilo que, nas paixões e sentimentos humanos, estimula-nos, comove-nos ou nos desafia tranqüilamente diante de nosso olhar mediato, sendo o discurso do poeta uma expressão dos sentimentos da alma, suscitando admiração, mediante a criação do que estava oculto. Segundo Aristóteles, em Poética:

(...) não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é sim o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade (...) a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois define aquela principalmente o universal, e essa o particular. (...) Daqui claramente se segue que o poeta deve ser mais fabulador que versificador; porque ele é poeta pela imitação e porque imita ações. (1979)

O poema lírico expressa emoções, pois o poeta usa um discurso pensado, organizado, arquitetado e fruto do trabalho com a linguagem. O gênero lírico tem como conteúdo o *subjecto*, o mundo interior e uma alma agitada pelos sentimentos, havendo uma libertação *nos* sentimentos (e não *dos*). Evidencia-se o condicionamento da subjetividade lírica para poemas **biográficos e românticos**, diferentemente da poesia épica. Segundo próprio necrológico de Augusto dos Anjos, (*apud REIS, 1977, p. 28*):

‘Nasce-se poeta, lyrico, parnasiano, symbolista, humorista e não se muda mais e assim se passa a vida inteira. Eu nasci com este meu feitio de poeta; sou assim, hei de ser sempre assim, não posso mudar mais mesmo que queira’. Isto dizia-nos Augusto dos Anjos, em palestra, referindo-se às críticas ao seu livro onde se dizia que ele devia mudar o rumo de seu Verso.

Com as palavras supracitadas, o próprio autor deixa claro que sua formação poética é fruto de uma síntese das características de escolas literárias anteriores, inclusive de estéticas clássicas e classicistas. Segundo o poeta (1998, p. 9), ao se definir enquanto ser, o faz com os seguintes versos: “Sou uma Sombra! Venho de outras eras, / Do cosmopolitismo das moneras”. Isso mostra que o mesmo tinha consciência acerca do

estranhamento que causaria em seus leitores do século XIX. Ao se definir enquanto sombra, a idéia colocada por BENJAMIN (1993, b) acerca do historicismo, que, por vezes, abafa vozes que são caladas pelo discurso da maioria através do tempo, ganha força, mostrando que, na prática, tal efeito já era buscado: a emersão sociocultural.

Evidencia-se a pluralidade da poesia de Augusto dos Anjos, visto que o gênero lírico remete ao sentimentalismo, e a idéia do arquétipo da morte traz sempre uma atmosfera romântica e aconchegante, harmônica, quando ressurge o ideal da morte por amor. A obra do poeta em estudo é repleta de obscuridade, levando à intimidade típica dos saudosos e às elegias, remetendo sempre ao ideal de renovação, e não ao de fim. Para evitar a própria degradação mental, Augusto dos Anjos promove, ao sublimar seus ressentimentos, um ataque ao espaço de representação da poesia, dando a impressão de ser um poeta cru e cientificista, presentificando o que há de mais pessimista quando trata da decomposição da matéria e da visão filosófica e trágica da vida (retomando a subjetividade típica do movimento ultrarromântico). Por vezes, também foge da própria linearidade (ou viscosidade, segundo Durand, 2001) em suas temáticas, construindo sonetos ao gosto da escola parnasiana e poesias com a alma da escola romântica. Assim como Dante (*Divina Comédia*), Augusto dos Anjos (*Eu*) possui faculdades visionárias, interpretadas como o produto das aspirações e do consciente coletivo reinante da época em que foi escrita sua obra, sendo dotada de verossimilhança referencial, através dos conflitos internalizados ao longo da vida do autor. Outro fator relevante é a supervalorização dos sentimentos, levando a uma personificação alegorizante, com o uso de letras maiúsculas para expressá-los, como ocorre com poetas essencialmente (mas não estruturalmente) saudosos e românticos, como Camões.

Em “*Divina Comédia*”, Dante fala sobre a inveja, e Augusto fala sobre ingratidão em sua obra. Ambos começam com *in-*, remetendo ao inatingível, utópico, que seria a negação inconsciente do que relatam nos poemas. Dante atravessa o Purgatório para chegar ao Paraíso, e Augusto dos Anjos atravessa a disputa provocada pelo cientificismo para chegar ao conhecimento acerca da temática que mais o incomoda: o Amor!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Eu – Versos íntimos, 2

Na terra homem tão fero não seria,

Que não sentisse o coração pungido
Em vendo o que aos meus olhos se ofrecia.
Divina Comédia – Canto XIII do Purgatório, 18

Além disso, o cientificismo (influência de Hackel e Darwin) e as imagens distorcidas, incompletas e fortes, presentes nas duas obras, levam quase sempre a uma profunda reflexão do encontro do poeta com o destino, numa visão pessimista de si e do mundo (Augusto Comte, Spencer, Shopenhauer, Nietzsche, Goethe, Hartmann).

Como Dante que, mesmo vivo, supera a morte para encontrar sua amada Beatriz, o coveiro supera a dor para estar perto da amada morta, reforçando a hipótese de renovação, na qual a essência torna-se mais importante que as partes físicas, corroídas e tomadas por vermes. Tal transcendência de uma simplicidade humana observa-se devido ao deslocamento do eu lírico em relação a um mundo concreto:

Uma tarde de abril suave e pura
Visitava eu ao derradeiro
Lar; tinha ido ver a sepultura
De um ente caro, amigo verdadeiro.

Lá encontrei um pálido coveiro
Com a cabeça para o chão pendida;
Eu senti minh'alma entristecida
E interroguei-o: "Eterno companheiro

Da morte, quem matou-te o coração?"
Ele apontou para uma cruz no chão,
Ali jazia o seu amor primeiro!

Depois, tomando a enxada gravemente,
Balbuciou, sorrindo tristemente:
- "Ai! Foi por isso que me fiz coveiro!".

Eu – O coveiro

O transcendentalismo na obra de Augusto dos Anjos dá reforço à teoria motivadora desse estudo, na medida em que suas poesias tratam da morte enquanto passagem, deixando à mostra a crença no ultrarromantismo, principalmente em paradoxo ao excesso de positivismo. O saudosismo é aparente, o que o aproxima da obra camoniana e de tendências românticas de idealização, criando uma atmosfera amorosa. Trata-se de abordar a atemporalidade artística e teórica da identidade que, no caso desta última, apenas científica o que, na prática, já era sentido pelo poeta paraibano: a fragmentação do indivíduo. O binarismo filosófico ocidental, baseado em opostos que causam ansiedade ao homem enquanto ser existencial e passível de morte é evidente no poema *Canto da Agonia*:

Agonia de amor, agonia bendita!
 - Misto de infinita mágoa e de crença infinita.
 (...)

Numa prece de amor, numa delícia infinita,
 Delícia que ainda gozo, oração, prece que ainda
 Entre saudades rezo, e entre sorrisos e entre
 Mágoas soluço, até que esta dor se concentre
 No âmago de meu peito e de minha saudade.
 Amor, escuridão, eterna claridade...
 (...)

- Diz e morre-lhe a voz, e cansado e morrendo
 Viajeiro vai, vê a luz e vendo
 Uma sombra que passa, uma nuvem que corre,
 Caminha e vai, o louco, abraça a sombra e... Morre!
 Agonia de amar, agonia bendita!

Eu – Canto da Agonia

Agonia: sentimento que remete ao significado epistemológico de paixão, que em grego significa “sofrimento”. Desta forma, a agonia de amor leva ao sofrimento benéfico e maléfico, binário em sua origem. É o ambivalente ambiente, o jogo da bipolaridade no qual todo ser humano está alicerçado. Tal bipolaridade, ora tendendo a um extremo lógico, ora pendendo a um extremo passional, pode ser observada nos discursos de todos aqueles que usam a palavra positivista enquanto expressão de vontades.

És soberano! Sangras e torturas!
 Ora, tangendo tiorbas em volatas,
 Cantas a Vida que sangrando matas,
 Ora, davas brandindo em seva e insana
 Fúria, lembras, Amor, a soberana
 Imagem pétrea das montanhas duras.
 (...)

Assim, Irene, eis-me de ti cativo!
 Cativaste-me, Irene, e eis o motivo,
 Eis o motivo porque fiz esta ode.

Eu – Ode ao amor

A mesma Irene que serve de fonte inspiradora para outros poetas, também é representada pelo eu-lírico, que se rende ao amor e canta o sentimento em seu poema. O poeta trata o amor como um sentimento soberano e o eleva aos céus. O contato com o clássico, desde o início destacado neste projeto, faz-se presente semanticamente. Tal contato com o clássico, segundo Calvino (2007, p. 15) ocorre, dentre outros fatores, de “aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível”. A realidade incompatível seria a época vivida por Augusto dos Anjos, que foi sensível porque resgatou os clássicos camonianos e dantescos, e os inseriu em

sua obra, assim como viveu em desconformidade com a realidade circundante, sedo um romântico fora de contexto.

A atmosfera romântica e onírica, apoiando-se no gênero lírico, traz à tona os ideais românticos, não só da geração do *spleen*, mas também da geração indianista, na qual a natureza era elevada a uma instância não concreta. A retomada de valores da “escola sentimentalista” é inegável, alternando entre obra simbolista, obra parnasiana e obra romântica, consolidando Augusto dos Anjos como um poeta plural que, ao o ser, é também romântico.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo BAUMAN (2005, p 40) “É improvável que qualquer modelo com base num único fator seja capaz de dar conta da complexidade do ‘mundo em que se vive’ e abranger a totalidade da experiência humana”. Uma identidade genérica não dá conta de identidades menores, presentes, por exemplo, na sociedade enquanto organismo vivo e, até mesmo, no ser humano individualizado, enquanto sistema complexo e parte do todo ao mesmo tempo. Isso corrobora a Teoria da Complexidade, de Morin et ali (2003).

Ante o exposto, por que não considerar uma faceta identitária romântica na obra de Augusto dos Anjos? Não teria sido o mesmo “filho” do século XIX, com toda a multiplicidade literária? Tais perguntas são levantadas pelo presente projeto, que pretende fomentar uma nova visão paralela, pois não se trata de derrubada de *status quo* canônico, visto que parte de suas poesias apresenta caráter romântico semelhante à geração influenciada por Lord Byron.

Numa sociedade globalizada (atual e que coloca o leitor como ser ativo na análise e compreensão do texto literário), multicultural, é imprescindível tal abordagem. Faz-se emergir esta faceta do também humano Augusto dos Anjos, admitindo-se que todo ser humano possua várias identidades, ressuscitando o “Deus-verme” (observe-se o trocadilho “verme” – “ver-me”), que tanto quer ser visto ao gritar, no melhor estilo Expressionista, de dentro de seus textos, dialogando conosco através da linha do tempo.

4. REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura Letrada: literatura e leitura**. São Paulo: ed. Unesp, 2006.

ALIGHIERI, Dante. **Divina Comédia**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. Porto Alegre: L & PM Pocket, 1998.

_____. *Toda a poesia de Augusto dos Anjos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética. São Paulo, UNESP, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o Conceito da História. In: Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. V. 1, p. 222-232.

BRAVO, Álvaro Fernandez, GARRAMUÑO, Florência. *Entrevista com Homi Bhabha. In: BRAVO, Álvaro Fernandez (org.). La invención de la nación: lecturas de la identidad de Herder a Homi Bhabha*. Buenos Aires: Manantial, 2000.

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. Trad. Ivo Barroso. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

DUFRENNE, Mikel. *Le Poétique*. In Selection des Livres, 1968.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001

HALL, Stuart. *A Identidade na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro : DP&A, 2003.

JUNG, C. G. *Tipos Psicológicos*. Vol. VI. Par. 851. Editora Vozes. Petrópolis, 1991.

JUNG, C.G. *Freud e a Psicanálise*. Petrópolis: Vozes, 1998.

LEITE, Gilmar. *Êxtase*. Recife: Diversas, 2000.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa através dos textos*. 30ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MORIN, Edgar, CIURANA, Emílio-Roger, MOTTA, Raúl Domingo. ***Educar na Era Planetária***. Trad. Sandra Trabucco Velenzuela. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

NICOLA, José de. ***Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias***. São Paulo: Scipione, 1998.

REIS, Zenir Campos. **Augusto dos Anjos: poesia e prosa**. São Paulo: Ática, 1977.